'A Sala dos Professores' não é um filme de ideias, mas de atitudes

ESTADÃO ANALISA

LUIZ ZANIN ORICCHIO ESPECIAL PARA O ESTADÃO

ambiente escolar pode funcionar como um microcosmo social, e essa é a proposta da produção alemã A Sala dos Professores, de Ilker Çatak, concorrente ao Oscar de melhor filme internacional e em cartaz nos cinemas brasileiros. Diz o diretor, alemão de ascendência turca, que se remete a memórias dos seus tempos de estudante.

A trama pode ser evocativa e com certeza é. Porém, traz uma temática contemporânea e explosiva e diversificada, como a relação dos alemães com os imigrantes (turcos em especial, e seus descendentes), fake news, invasão (e evasão) de privacidade, punitivismo e julgamentos sumários. Mostra, de forma simples, como transformar um ambiente saudável em atmosfera tóxica.

UM FURTO. No caso, quando, numa escola-modelo, funcionando sob os preceitos do politicamente correto e do respeito ao outro, começam a aparecer casos de furto. Um deles envolve um aluno, Oskar (vivido pelo ótimo Leonard Stettnisch). Outro, quando uma das professoras, Carla Nowak (Leonie Beneschi), talvez a mais dedicada na equipe escolar em ser justa, acolhedora e correta, julga-se também vítima de um furto.

O caso toma contornos diversos, dramáticos e incontroláveis quando Carla decide deixar seu computador com a câmera ligada na sala dos pro-



Leonie Benesch, a professora: escolhas difíceis, em ambiente de frágeis certezas e opiniões fortes

fessores. Flagra alguém furtando a carteira em sua bolsa. A imagem não é de todo nítida, mas registra com clareza os desenhos de uma blusa. Carla tem a certeza de que se trata de uma funcionária do colégio que é, também, mãe de um dos alunos. O que fazer? Ignorar? E o senso de justiça? Delatar? E

o lado humano da questão? Conversar com a pessoa?

Todas as alternativas parecem razoáveis e ruins ao mesmo tempo. Não existe, talvez, a solução perfeita ou justa porque, como já se disse, o inferno do mundo é que todos têm suas razões. Carla, a

mãe, o aluno, o resto da classe, os professores, a direção - todos estão certos e errados ao mesmo tempo, dependendo do ângulo do qual se olha. Sem ser de modo nenhum complicado, o filme debate uma intrinca-

da questão da ética: deve-se fa-

zer justiça, não importam as consequências, ou deve-se medir as consequências antes de se fazer justiça? Em termos fi-losóficos, é preferível ser essencialista (faça-se justiça e pereça o mundo) ou consequencialista (medem-se as consequências antes de fazer justiça). Que atitude tomar, já que não se pode morar eternamente em cima do muro?

FRAGILIDADES. A Sala dos Professores fala do ambiente escolar, mas aponta para um estado geral da sociedade. Esta mesma em que vivemos, em nosso tempo de frágeis certezas, mas de opiniões fortes, muito rígidas, em que uma acusação já implica imediatamente culpabilidade alheia.

Sociedades, todas as nossas, com prontidão para julgar, punir, excluir e cancelar. As mesmas sociedades que facilitam o livre trânsito de fake news e a relativização radical da verdade. Vivemos nessa contradição: admitimos a fragilidade da verdade, porém condenamos e cancelamos ao menor indício.

Por seu caráter de microcos mo, o filme aborda também as diferentes reações ao caso entre os professores, um mosaico político de atitudes que vão da tolerância à intolerância, da compreensão ao punitivismo, passando pela indiferença e por uma difícil posição de equilíbrio buscada pela diretoria da escola, Podemos, segundo nossas inclinações ou mesmo convicções políticas, optar por esta ou aquela atitude. É um problema nos-so, não da obra, que não nos fornece certezas fáceis.

Essas questões aparecem todas vestidas pelo hábito da ficcão e confrontadas umas às outras sem didatismo, apesar da trama ambientada em uma escola. Não é um filme de ideias; é um filme de atitudes. O registro cinematográfico tem viés realista e repousa numa objetividade que, se não é radical, tenta se aproximar da neutrali-dade. Cabe a quem assiste tirar as próprias conclusões. •

Na sala de aula



 Ao Mestre, com Carinho Lançado em 1967, o filme tem memorável atuação do ator Sidney Poitier. Ele interpreta Mark Thackeray, um engenheiro que vai dar aulas em uma escola. Lá, sofre preconceito e sua turma faz o possível para que ele vá embora. Disponível no Amazon Prime Video e na AppleTV+.



• Karatê Kid

O cenário não é uma escola, mas a casa do sr. Miyagi, inter pretado por Pat Morita. A princípio relutante, ele ajuda o garoto Daniel (Ralph Macchio) a adentrar o mundo do caratê - e os valores que dele fazem parte. Disponível na Max, na Netflix, na AppleTV+ e no Amazon Prime Video.



 Sociedade dos oetas Mortos

O filme tem no papel de profes sor o ator Robin Williams, indicado para o Oscar por sua atuação. Em uma escola tradicional, ele provoca seus alunos para que busquem na poesia o autoconhecimento que lhes permita lidar com as pressões familiares. Disponível no Star+.



• Meu Mestre, Minha Vida

Dirigido por John G. Avildsen, o longa que estreou no final dos anos 1980 é estrelado pelo ator Morgan Freeman, Ele vive um autoritário diretor de uma escola que sofre com problemas de tráfico de drogas e violência, mas acaba ajudando seus alunos. Disponível no Amazon Prime Video e na AppleTV+.



Escritores da Liberdade

Hilary Swank interpreta professora que se depara com a agressividade de alunos de uma escola de um bairro pobre dos EUA. Ela adota métodos heterodoxos para aumentar a confiança dos alunos e mostrar o valor do respeito. Disponível no Amazon Prime Video e na AppleTV+